



UNIVERSIDADE FEDERAL DO MARANHÃO
CURSO DE LICENCIATURA EM LÍNGUAGENS E CÓDIGOS
CAMPUS SÃO BERNARDO

FRANCISCA DAS CHAGAS CONCEIÇÃO

GÊNERO TEXTUAL CRÔNICA:

Práticas de leitura e escrita com alunos do 2º ano do Ensino Médio

São Bernardo – MA

Maio / 2016

FRANCISCA DAS CHAGAS CONCEIÇÃO SILVA

GÊNERO TEXTUAL CRÔNICA:

Prática de leitura e escrita com alunos do 2º ano do Ensino Médio

Trabalho apresentado ao Curso de Linguagens e Códigos –
Campus São Bernardo da Universidade Federal do
Maranhão para obtenção do grau de Licenciada em
Linguagens e Códigos com habilitação em Língua
Portuguesa.

Orientadora: Profª. Ma. Maria Francisca da Silva

São Bernardo – MA

Maio / 2016

Silva, Francisca das Chagas Conceição

GÊNERO TEXTUAL CRÔNICA: Práticas de leitura e escrita com alunos do 2º ano do Ensino Médio/Francisca das Chagas Conceição Silva – São Bernardo, 2016.

49f.

Orientadora: Maria Francisca da Silva

Monografia (Graduação em Linguagens e Códigos/Língua Portuguesa)–
Universidade Federal do Maranhão, 2016.

1. Linguagem. 2.Gênero Textual. 3.Estágio Obrigatório. 4.Práticas de Leitura e Escrita. I.Título.

CDU 869.0(81)-94

FRANCISCA DAS CHAGAS CONCEIÇÃO

GÊNERO TEXTUAL CRÔNICA:

Práticas de leitura e escrita com alunos do 2º ano do Ensino Médio

Trabalho apresentado ao Curso de Linguagens e Códigos –
Campus São Bernardo da Universidade Federal do
Maranhão para obtenção do grau de Licenciada em
Linguagens e Códigos com habilitação em Língua
Portuguesa.

Orientadora: Profª. Ma. Maria Francisca da Silva

Aprovado em ____/____/____

BANCA EXAMINADORA

Prof.ª Maria Francisca da Silva
Mestrado em Letras Neolatinas -UFRJ
Curso Interdisciplinar de Linguagens e Códigos

2º Examinador: **Prof.ª Ma. Claudia Leticia Gonçalves Moraes**
Mestrado em Cultura e Sociedade – UFMA
Curso Interdisciplinar de Linguagens e Códigos

3º Examinador: **Prof.º Esp. Rayron Lennon Costa Sousa**
Mestrando em Literatura -UEMA
Curso Interdisciplinar de Linguagens e Códigos

Eu nunca imaginei que o mundo seria assim como está hoje enfrentando guerras e mais guerras mais poderia ser diferente se nós soubesse - mos fazer as escolhas certas. Alguns acham que guerras é a única escolha para amenizar conflitos. Por várias gerações aconteceram guerras por causa de escolhas erradas que algumas pessoas fazem se não ouvisse guerra o mundo seria totalmente diferente haveria paz em todo o mundo e todos seríamos felizes e não haveria mais derramamento de sangue e sim alegria. A imagem de um mundo diferente e a coisa que mais seria tocante e traria alegria e não mortes. (Francisco José, aluno do 2 ano do Ensino Médio)

A Deus, a memória de minha vó, mãe e meus filhos, esposo, irmãos, familiares, professores e amigos que indiscutivelmente foram fundamentais para que eu alcançasse este objetivo.

AGRADECIMENTOS

Agradeço primeiramente a Deus por me mostrar está sempre presente na minha vida, fortalecendo-me nos momentos de fraqueza, muitos dos quais pensei em desistir, e por Ele colocar na minha vida pessoas que mesmo de uma forma não intencional fizeram-me continuar lutando nos momentos de batalha desta longa, corrida, e desafiante jornada que foi o período da minha inserção na academia até o presente momento. A Ele darei eternamente graças.

A minha avó Bernarda por esta sempre comigo durante todos os momentos da minha vida me apoiando , incentivando para que eu seja feliz .mãe Socorro por esta sempre ao meu lado nas horas boas e difíceis , lhe amo muito mãe, meus filhos, Judimila e Fabio minha razão de viver . e meu esposo Junior que mesmo muitas vezes longe por motivos de trabalho , sempre me apoiou e me dedicou muitas palavras de conforto, amo você. Aos meus irmãos por acreditar sempre na minha capacidade, amo vocês. A meu sogro Jose e minha sogra conceição pelo constante e apoio e carinho. As minhas cunhadas Otaciane , Vanuza e Keliane por me darem forças carinho em todos momentos. A vocês devo eternamente minha gratidão e meu amor.

As pessoas que conheci durante minha vida educacional, das quais muitos se afastaram, algumas permaneceram, mas todas contribuíram. A estas agradeço de coração.

A minhas primas, por me ajudarem em tempos difíceis da minha caminhada acadêmica. Sem vocês, realizar este sonho seria mais difícil.

Amiga Ivanaria por sempre me receber em suas casas, e mesmo sem perceber, ajuda-me em todos momentos cuidou muito dos meus filhos , lhes sou grata .

Aos meus grandes amigos Willberth Galeno da Silva e Nayana de Sousa Silva pessoas que estiveram presentes no decorrer das minhas angústias no processo final do curso.

Ao meu pai, Raimundo mesmo por nunca esteve do meu lado mais eu amo muito, mesmo que distantes, da realização deste sonho, para que um dia eu tenha condições de ajudá-los no que precisarem.

A minha amiga Rivelines por termos dividimos momentos maravilhosos, sempre esteve comigo dando conselhos, participando das minhas angústias e ansiedades nos momentos felizes. Pelo amor, convivência, carinho compressão e companheirismo, pela

motivação, por entender a importância desta conquista para mim, e fazer presente durante a construção e apresentação da mesma, apoiando-me e ajudando-me em todos os momentos.

Aos meus amigos de Mamorana todos os meus amigos da minha turma na UFMA, em especial, Adriana Karlene, Patriciane, Nazinha que me ajudaram sempre que precisei e por marcar na árdua rotina de longos anos da academia, alguns momentos ímpares, que serão lembrados sempre com alegria, e alguns acompanhado de muitas gargalhadas.

A minha orientadora Maria Francisca da Silva pelo empenho, incentivo, comprometimento com meu trabalho e por sua orientação competente. Muito obrigado.

Enfim, a todos os amigos, familiares e professores, os supracitados por nomes, assim como os abrangidos nestes agradecimentos, por contribuir para realização desta meta; Muitíssimo obrigado!

RESUMO

Neste trabalho apresentamos os resultados de uma pesquisa cujo objetivo é verificar e refletir sobre as dificuldades relacionadas à leitura e a escrita, a partir do contexto investigado, propondo possíveis metodologias que contribuíssem com desenvolvimento destas competências e habilidades para tanto analisamos o ensino do gênero crônica, através das produções dos alunos. Neste contexto, as ações educativas foram realizadas durante o Estágio Obrigatório II, tratando sobre os aspectos da leitura e da escrita dos alunos do 2º ano, com faixa 15 e 16 anos, da escola Unidade Integrada Juscelino Kubitschek - anexo da Escola Estadual Deborah Correia Lima (sede do município), que situa-se na zona rural no Município de São Bernardo MA. Essa problemática surgiu devido às observações paralelas às práticas pedagógicas, que desenvolvi na escola, durante o ano 2015. A pesquisa realizou-se em três momentos: no primeiro, foi feita a realização das observações participantes; no segundo as intervenções da pesquisadora; e, por último as análises das produções acerca das leituras dos alunos. Para embasamento sobre gênero e crônica, utilizamos os estudos de: Marcuschi (2002); Travaglia (2001); Bakthin (1997) Bronckart (1999); Parâmetro Curricular Nacional de Língua Portuguesa - PCN LP (1999, 1997); Koch (2003); Kleiman (1999), além de outras pesquisa complementares. Na pesquisa utilizamos o gênero crônica como ferramenta de prática de leitura e escrita do leitor jovem, especificamente desses alunos, que foram os sujeitos da pesquisa, de modo a contribuir para o processo de ensino e aprendizagem em Língua Portuguesa. Percebemos que as práticas gramaticais são priorizadas em detrimento das outras, como é caso das práticas de leituras que em muitos propiciando para uma defasagem da leitura desde aluno e consequência na escrita. Verificamos que na produção da crônica por meio do texto se verifica as influências das leituras, assim como da oportunidade dos alunos mostrarem seus conhecimentos de mundo a partir de suas produções.

Palavras-chave: Linguagem; Gênero Textual; Estágio Obrigatório; Práticas de Leitura e Escrita.

RESUMEN

En este trabajo se presentan los resultados de un estudio llevado a cabo para verificar y reflexionar sobre las dificultades relacionadas con la lectura y la escritura, desde el contexto investigado, proponiendo posibles metodologías para contribuir al desarrollo de estas habilidades y capacidades para analizar tanto la formación crónica de género a través de producciones estudiantiles. En este contexto, las acciones fuerán llevadas a cabo durante la Etapa Obligatoria II, en relación a los aspectos de la lectura y la escritura de los estudiantes de segundo año, entre los 15 a 16 años, Estudiantes de la escuela integrada Unidad de Juscelino Kubitschek - anexo a la Escuela Estatal Deborah Correia Lima (asiento de condado), se encuentra en el campo en el municipio de São Bernardo- MA. Este problema surgió debido a las observaciones paralelas a las prácticas pedagógicas que se desarrollan en la escuela, durante el año 2015. La investigación se realizó en tres etapas: la primera, se realizó el logro de la observación participante; la segunda intervención del investigador; y, finalmente, el análisis de las lecturas producidas por los estudiantes. Para tratar El tema del género y el uso crónico de los estudios, utilizamos los teóricos: Marcuschi (2002); Travaglia (2001); Bakthin (1997) Bronckart (1999); Parâmetro Curricular Nacional de Língua Portuguesa - PCN LP (1999, 1997); Koch (2003); Kleiman (1999), así como otras investigaciones complementarias. En la encuesta se utilizó el género crónica como una herramienta práctica para la lectura y la escritura joven lector, específicamente aquellos estudiantes que eran los temas, con el fin de contribuir al proceso de enseñanza y aprendizaje de las prácticas educativas en la lengua portuguesa. Nos dimos cuenta de que las prácticas gramaticales se priorizan a expensas de otros, como es el caso de las lecturas en muchas prácticas que prevé una brecha de lectura de los estudiantes y el resultado se presenta en la escritura. Se encontró que en la producción de crónicas a través del texto se ve la influencia de las lecturas, así como, la oportunidad a los estudiantes para mostrar su conocimiento del mundo a partir de sus producciones.

Palabras clave: Lenguaje. Género Textual . Etapa Obligatoria. Práctica de la Lectura y Escritura.

LISTA DE FIGURA

Figura 01	1ªP Crônica “a viagem”	32
Figura 02	2ªP “Crônica em versos”	34
Figura 03	3ªP “Guerra”	35
Figura 04	4ªP “Siderações”	36
Figura 05	5ªP “A caminho da escola”	37

LISTA DE SIGLAS

LP	Língua Portuguesa
PCN	Parâmetros Curriculares Nacionais
REUNI	Reestruturação e expansão das universidades
PPP	Projeto Político Pedagógico
UFMA	Universidade Federal do Maranhão
LBB	Lei de Diretrizes e Bases da Educação Nacional
ENEM	Exame Nacional do Ensino Médio

SUMÁRIO

1	INTRODUÇÃO.....	11
2	CONHECER PARA ENTENDER: LÍNGUA, LINGUAGEM E TEXTO.....	13
2.1	Concepções de língua.....	13
2.2	Concepções de linguagem.....	14
2.3	Concepção de Texto.....	17
3	TIPOLOGIA E GÊNERO TEXTUAL.....	18
3.1	Gênero Textual Crônica.....	19
3.2	Leitura no Espaço Escolar.....	21
4	TRABALHANDO DIDATICAMENTE OS GÊNEROS NA SALA DE AULA.....	23
4.1	Contexto da Pesquisa.....	23
4.1.1	Curso Linguagens e Códigos.....	24
4.1.2	Estágio Obrigatório II.....	25
4.1.3	Escola de Atuação da Pesquisa.....	27
4.2	Observações da Prática Docente de Língua Portuguesa.....	28
4.3	Prática da Pesquisadora nas Aulas de Língua Portuguesa.....	28
5	ANÁLISE DE DADOS.....	30
5.1	Aplicação da Atividade com Gênero Textual Crônica.....	30
5.2	Análises das Produções.....	32
6	CONSIDERAÇÕES FINAIS.....	39
	REFERÊNCIAS	41
	ANEXOS	

1 INTRODUÇÃO

A leitura e a escrita são competências e habilidades essenciais, sendo básicas para o desenvolvimento de quaisquer outras que o aluno necessite adquirir durante toda sua vida escolar e acadêmica, nas diversas áreas de conhecimento. No entanto, muitos alunos terminam o ciclo do Ensino Fundamental e ingressam no Ensino Médio com dificuldades para compreender um texto ou expressar-se por meio da escrita.

A partir deste contexto, iniciamos a prática do Estágio Supervisionado II, cujas observações e regências ocorreram na escola pública Unidade Integrada Juscelino Kubitschek, Anexo do C.E-Deborah Correia Lima, no povoado Mamorana, da rede municipal de São Bernardo – MA, no período de 2015. Tínhamos o intuito de observar os tipos de leituras daqueles alunos, assim como verificar e refletir sobre as dificuldades relacionadas à leitura e a escrita, a partir do contexto investigado, propondo possíveis metodologias que contribuíssem com desenvolvimento destas competências e habilidades.

A escolha do tema se deu, considerando critérios necessários definidos durante o Estágio em relação ao espaço, por ser uma escola de local mais acessível para a pesquisadora, uma vez que a universidade encontra-se um pouco distante. A escola é gerenciada pela Secretaria Municipal de Educação do município de São Bernardo - MA, localizada em área da zona rural. Deste modo, partimos do viés teórico de verificar as possibilidades que cada teoria acerca da linguagem nos oferece para dela extrairmos os recursos que darão suporte para um eventual estudo sobre a elaboração de atividades em sala de aula. Isso foi possível a partir do estudo sobre o gênero uma importante ferramenta pedagógica para introduzir o aluno à leitura, e a produção escrita, transformá-lo em aluno reflexivo, ciente de que o estudo requer um pensar e um repensar constante, cuja orientação é o aprimoramento do senso crítico.

Neste contexto, a pesquisa buscou verificar os resultados obtidos pela leitura e produção do gênero textual crônica, dos alunos dos 2º ano do Ensino Médio, da escola pública Unidade Integrada Juscelino Kubitschek. Tal recorte foi devido às dificuldades observadas nos alunos do 2º ano em relação às práticas de leituras, no qual surgiu a necessidade de escolher este público alvo para serem os sujeitos pesquisados. Como já exposto anteriormente, partimos dos pressupostos teóricos sobre o gênero como ferramenta para as práticas de leitura na sala de aula do Ensino Médio; Outro objetivo proposto foi analisar as marcas da oralidade nas produções textuais destes alunos, verificando as ocorrências e o que realizar para melhorar essas produções. Para tanto, necessitou-se delimitar objetivos

específicos tais como: diagnosticar os tipos de leituras que estes alunos têm contato; sensibilizar os alunos acerca da leitura, interpretação e criação textual do gênero crônica e analisar as produções textuais.

Como metodologia da pesquisa adotamos uma pesquisa de campo, pautada em Marconi e Lakatus (2004), por tratar-se de um tipo de pesquisa que possibilita obter informações, como também conhecimentos prévios sobre objeto de estudo. Utilizamos como fundamentação os postulados de Koch (2011), Marcuschi (1996), Bakhtin (1992), Travaglia (2001), entre outros que serão apresentados no decorrer deste trabalho, de modo a permitir uma compreensão do gênero crônica. Uma vez que este é uma ferramenta de grande relevância para o ensino da leitura e escrita, por isso a importância de trabalhar com os sujeitos o gênero crônica. Os dados da pesquisa foram coletados da seguinte maneira: primeiramente, durante a realização do estágio, houve as observações pela intervenção da pesquisadora e recolhimento das produções dos alunos, por fim, as análises das produções do gênero crônica, no qual são descritas minuciosamente no capítulo sobre metodologia.

No decorrer do corpo deste trabalho desenvolvemos detalhadamente todo o processo que sucedeu a pesquisa em questão. Primeiramente, após estes informes introdutórios discorreremos acerca das concepções de língua, linguagem e texto. Em seguida, apresentamos as reflexões acerca da pesquisa que, em termos práticos, expõe como foi desenvolvida a intenção de inserir o texto narrativo - crônica nas atividades de leitura e escrita, com vista à formação do leitor crítico.

No quarto capítulo descrevemos o contexto em que tivemos contato com a escola foco da pesquisa, de modo que o leitor deste trabalho de conclusão de curso compreenda como foi desenvolvido todo o processo metodológico da pesquisa, assim como os sujeitos da pesquisa e escola de atuação da pesquisa

No quinto capítulo, abro passagem para visualizar os caminhos que foram construídos para o trabalho desenvolvido na escola, pois é importante entendermos o meio pelo qual essas crônicas foram elaboradas. E no capítulo posterior, as análises das produções textuais coletadas durante a iteração com os sujeitos pesquisados.

Por último, mas não por fim para a pesquisa, uma vez que pretendemos continuar as pesquisas na área, apresentaremos as reflexões acerca dos dados obtidos durante este processo de contato com o ambiente escolar investigado.

2. CONHECER PARA ENTENDER: LÍNGUA, LINGUAGEM E TEXTO

Neste capítulo discorreremos primeiramente sobre as concepções de língua, posteriormente acerca da linguagem e por último o texto, na perspectiva de alguns autores como Saussure (2006), Bakhtin (1997) e o disposto no Parâmetro Curricular do Ensino Médio (2006), entre outros.

2.1 Concepções de Língua

De acordo com os estudos linguísticos de Saussure (2006, apud MACEDO, 2009), o estudo da linguagem comporta duas partes: uma tem por objeto a língua (*langue*) e outra, a fala (*parole*); assim, a primeira seria social em sua essência, em contrapartida a segunda que se apresenta como parte individual da linguagem. Desse modo, o pensamento saussuriano, no que tange à teoria do signo linguístico, gerou ressonância a novos estudos e teorias, à medida que se multiplicam as pesquisas e trabalhos de interpretação.

Outra perspectiva é tratada por Bakhtin (1997, apud MACEDO, 2009) e concorda com Saussure (2006), ao afirmar que a língua é um fato social fundada na necessidade de comunicação, porém, contrapondo-se a Saussure (2006), quando critica a concepção de língua enquanto sistema de regras. Para Bakhtin (1997) todas as esferas da atividade humana, em suas variadas formas, estão sempre relacionadas com a utilização da língua. Ou seja, “a língua vive e evolui historicamente na comunicação verbal concreta, não no sistema linguístico abstrato das formas da língua, tampouco no psiquismo individual dos falantes” (BAKHTIN, 1997, p.32). Desse modo, a substância da língua é constituída pelo fenômeno social de interação verbal realizada através das enunciações e contextos comunicativos. (BAKHTIN, 1997, p.32)

A língua é apresentada por Bakhtin (1997) não como objeto abstrato, mas como atividade social, fundada nas necessidades de comunicação, assim a natureza da língua seria essencialmente dialógica. Seguindo esta perspectiva, os sociolinguísticos concebem a *língua* como algo “heterogênea, múltipla, variável, instável e está sempre em desconstrução e em reconstrução” conforme aponta Bagno (2007, p.36). Na linha de pensamento deste autor, a “língua é uma atividade social” neste sentido, inferimos que a língua é uma ação coletiva, um processo contínuo dos seus pares e que se constrói e reconstrói-se à medida que estes interajam, seja na fala, seja na escrita (BAGNO, 2007).

O PCN de Língua Portuguesa aborda o conceito de língua, a partir das concepções interacionistas da linguagem, o que corrobora com os estudos, nos quais a língua é uma das formas de manifestação da linguagem, é um entre os sistemas semióticos construídos historicamente e socialmente pelo homem (BRASIL,1997) Pois, a língua em seus usos pela sociedade encontra-se em constante processos de (re) construção pelos sujeitos, o que implica estudos específicos para entendimento de tais relações. O PCN discorre ainda que ao estudar o próprio funcionamento da língua e da linguagem, tais estudos consideram as relações entre os processos cognitivos, e os processos sociais (BRASIL, 1997, p.23).

Na organização do processo educativo o PCN de LP organiza em dois eixos centrais os domínios da língua para ensino como: uso da língua oral e escrita, assim como a reflexão acerca de língua e linguagem. No primeiro eixo estão as práticas de escuta e leitura de textos e a prática de produção de textos orais e escritos. No que se refere o segundo eixo, a reflexão é a prática das análises linguísticas, assim como também há sugestão de seleção de gêneros para serem trabalhados na escola priorizando o uso da linguagem e reflexão crítica (BRASIL, 1998). Por isso friso a importância de trabalhar com o gênero textual com ênfase desta pesquisa no gênero crônica.

A partir da concepção de língua supracitada, nesta pesquisa tratou-se do conceito de língua como um processo interativo e dinâmico das práticas sociais. A seguir, apresentamos o conceito de linguagem.

2.2 Concepções de Linguagem

A partir da compreensão da concepção de língua como interação, buscaram-se aportes teóricos como Bakhtin (1997) e Travaglia (2001) para utilizarmos com arcabouço para pesquisa no que se refere principalmente a concepção de linguagem. No qual compreendemos com base nestes teóricos supracitados, a linguagem como uma prática enunciativo-discursiva de um processo de interação sócio-histórico, visto que o homem enquanto um ser histórico e social (TRAVAGLIA, 2001) desenvolve sua linguagem a partir do processo de interação do (e para o) seu contexto e do (e para o) seu meio, sendo assim influenciada pela situação discursiva do enunciado (BAKHTIN,1997).

Como já aludido anteriormente, para tratar de linguagem, a partir do conceito de língua como interação, corroboramos com (BAKHTIN 1997 apud CURSINO) ao afirmar que a concepção de linguagem se traduz em “enunciativo-discursiva, na qual considera o discurso como prática social e uma forma de interação” (p. 20). Nesse sentido, são peças-chaves numa

comunicação os processos, tais como: a “relação interpessoal, o contexto de produção dos textos, as diferentes situações de comunicação, os gêneros, a interpretação e a intenção de que produz” (BAKHTIN,1997 apud CURSINO, p.20).

Deste modo, discorremos sobre concepção de linguagem pelo pressuposto da interação, assim como destaca Travaglia (2001) aponta para a posição do professor que deve está ciente sobre como ele concebe a linguagem, pois como afirma este referido autor, tal concepção influenciará o como ele ensina. Em se pensando essa função do professor, discorremos sobre possibilidade de concepções abaixo, que em linhas gerais se apresentam no contexto educacional bernardense.

É importante citar nesse trabalho Travaglia (2001) que aponta três possíveis possibilidades distintas de conceber a linguagem: primeiramente, apresenta a linguagem como expressão do pensamento, na qual explica que para essa concepção “as pessoas não se expressa bem porque não pensa”. (TRAVAGLIA, 2001, p.22) informa que “o modo como o texto, que se usa em cada situação de interação comunicativa, está constituído não depende em nada de para quem se fala, em que situação se fala para que se fala.” (GEDOZ; COSTA-HUBES, 2012, p 23). Neste caso temos uma relação do professor no ensino não direcionada para o desenvolvimento de múltiplas habilidades pelos alunos.

Travaglia (2001) também discorre da segunda concepção, sendo a linguagem como instrumento de comunicação, como meio objetivo para comunicação. Isto é, a língua é vista como um código, em outras palavras, como conjunto de signos que se combinam por meio de regras e que é capaz de transmitir uma mensagem, informações do emissor para receptor, em que o falante tem em sua mente uma mensagem a transmitir ao ouvinte, entretanto ambos tenham que dominar o mesmo código para que a comunicação seja concretizada. Aqui o foco é o aspecto do uso dos conhecimentos lingüísticos, no contexto bernardense, o uso da gramática via livro didático.

E, por fim, a terceira considerada como a mais importante e acessível para o uso da sociedade. A linguagem como forma ou processo de interação. Nesta Travaglia (2001), afirma que o individuo faz ao usar língua não é tão somente traduzir ou exteriorizar um pensamento como é vista pela primeira concepção , ou simplesmente transmitir informação a outros, como vê pela segunda concepção, mas como:

realizar ações, agir, atuar sobre o interlocutor (ouvinte/leitor). A linguagem é pois um lugar de interação humana , de interação comunicativa pela produção de efeitos de sentidos entre interlocutores, em uma dada situação de comunicação em um contexto sócio-histórico e ideológico. (TRAVAGLIA, 2001, p.23).

Com relação às três concepções da linguagem, é relevante destacar a que enfatiza a linguagem como “forma ou processo de interação de seres históricos, sociais e ideológicos”, isto é, utilizando-a como eixo no experimento da pesquisa deste trabalho, uma vez que pensamos os gêneros textuais crônica e instrucional como ferramenta de interação entre os alunos e destes com professor nas práticas de leitura e escrita. Essa abordagem é que se pretendeu desenvolver com a atividade do gênero crônica.

De acordo com o PCN (1997, p.25) é pela “linguagem que o indivíduo aprende os sentidos que são atribuídos pelas culturas e as coisas, ao mundo e às pessoas”, ou seja, é usando a linguagem que se constrói sentidos sobre a vida, sobre a própria linguagem. Essas são as principais razões para a perspectiva didática tomar como ponto de partida os usos que o aluno já faz da língua ao chegar à escola, para ensinar-lhe aqueles que ainda não conhece. Em outras palavras, a escola precisa priorizar os conhecimentos prévios dos alunos e, assim apresentar novos conhecimentos, de modo que eles desenvolvam esses conhecimentos a partir da reflexão de que há várias formas de se comunicar dependendo da situação comunicativa, como enfatiza Bagno (2007).

O PCN (1997) ainda propõe que os desenvolvimentos de atividades em grupo são importante no processo de ensino de Língua Portuguesa, conforme afirmação abaixo:

é possível aprender, tanto sobre a linguagem verbal quanto sobre as práticas sociais nas quais ela se realiza, por meio da troca interpessoal. Por isso, as atividades de aprendizagem de Língua Portuguesa ganham muito quando se realizam num contexto de cooperação. No processo de aprendizagem, aquilo que num dado momento um aluno consegue realizar apenas com ajuda posteriormente poderá fazê-lo com autonomia. Daí a importância de uma prática educativa fundamentalmente apoiada na interação grupal, que, apesar de só se materializar no trabalho em grupo, não significa necessariamente a mesma coisa. O trabalho em grupo possibilita ricos intercâmbios comunicativos. (BRASIL, 1997, p.67)

Corroboramos com esta proposta que trata o PCN, pois foi trabalhada práticas em grupos e individuais com o intuito de promover a socialização para proporcionar momentos de interação na sala de aula, no qual os alunos pudessem interagir uns com os outros na situação comunicativa. Acreditamos que trabalhar com os gêneros textuais na sala de aula é necessário, uma vez que os alunos necessitam dessa interação para melhor desenvolvimento das habilidades e competências da leitura e a escrita. Para a autora Lerner¹ (2001, p.10) “ensinar implica não só em transmitir conhecimento e práticas sociais, mas criar condições

¹ Professora de didática da universidade Buenos Aires (UBA) na Argentina, coordenadora da equipe de Língua da Direção Curricular da Secretaria de Educação da Cidade de Buenos Aires. Artigo publicado na revista Nova Escola em 2011, p. 12

para que os estudantes se apropriem do projeto da aprendizagem e para que se posicionem como produtores do conhecimento”.

No tópico seguinte, abordaremos sobre o conceito de texto, usando o aporte teórico dos Documentos Oficiais e autores como Kleiman (1999), Koch (2003) e outros.

2.3 Concepção de Texto

Segundo o disposto pelo PCN de LP², o conceito de texto se modificou em função dos estudos linguísticos dos anos 80, no qual os trabalhos sobre os elementos do texto intensificou o processo de mudança conceitual, o texto passa a ser visto como uma totalidade que só alcança esse status por um trabalho de construção de sentido (BRASIL, 2006). Assim, o texto é construído de uma maneira que tenha sentido através de seus recursos linguísticos, já que ao serem emitidos transmitem elementos de concordância, de coerência entre outros recursos para auxiliar o leitor em sua compreensão.

Os textos são produções da atividade humana que se realizam por meio da ação de linguagem, desenvolvidas nas mais diversas situações, dentro de uma ação social (BAKHTIN, 1997 apud CURSINO, p.20). Nessa concepção, o autor Bronckart (1999, p.25) tem sua definição de texto como toda e qualquer unidade de produção de linguagem situada acabada e autossuficiente, ou seja, uma ideia do texto como um produto e não como processo, como algo acabado, cujo sentido não se constrói a partir da interação, mas já está posto na materialidade textual, e na concepção de Koch (2003,p.20) uma manifestação verbal constituída de elementos linguísticos selecionados e ordenados pelos co- enunciadores durante atividade verbal. Ou seja, o texto é visto como nas palavras da autora supracitada “o lugar em que há interação e os interlocutores, sujeitos ativos que dialogicamente são encontrados e assim são construídos” (KOCH, 2003, p.20).

Desse modo, entendemos o texto como um elemento a ser compreendido pelos alunos em sua organização tanto de gênero, quando de conteúdo, relação com o contexto, inferências com outras aprendizagens entre outros recursos que possibilitem o aluno o uso com proficiência deste recurso.

No capítulo seguinte trataremos sobre o conceito de tipologia e gênero textual, conforme a perspectiva dos PCNs (1999), Marcuschi (2002), Bronckart (1999), Kock (2006).

² Neste trabalho, conforme é observado em alguns documentos como os PCN usar-se-á LP quando se referir ao componente curricular **Língua Portuguesa**.

3 TIPOLOGIA E GÊNERO TEXTUAL

A partir da proposta do PCN (1999) há uma quebra com o tradicional ensino de língua e incentivo do trabalho com gêneros textuais, visto que a comunicação se efetiva por meio de textos. Assim, um dos aspectos mais importantes na prática pedagógica é possibilitar aos indivíduos produzir e compreender textos adequados a cada evento comunicativo. Cada tipo de situação constitui uma forma de interação que se configura um gênero textual apropriado àquele tipo de interlocução. Desse modo, um indivíduo só terá uma boa competência comunicativa se for capaz de produzir e compreender diferentes gêneros textuais.

As sequências tipológicas abrangem um número limitado de categorias conhecidas como: narração, argumentação, exposição, descrição, injunção. O estudo dos gêneros garante um espaço privilegiado de transformação humana porque permite a exploração dos sentidos e o enriquecimento de possibilidades; com eles e através deles os sujeitos produzem, reproduzem ou transformam práticas sociais (BRONCKART, 1999).

Para Marcuschi (2002, p.22-27), cada gênero contém diversas tipologias textuais, que se definem pela “*natureza linguística*” predominante de sua composição (modalidade, aspectos sintáticos, lexicais, tempos verbais, relações lógicas, estilo, organização do conteúdo etc.). Dessa forma, “os gêneros surgem das necessidades presentes nas atividades sócio-culturais e na relação com inovações tecnológicas, que motivam a explosão de novos gêneros e novas formas de comunicação, quer na oralidade, quer na escrita” (MARCUSCHI, 2002 p,19). O que sinaliza uma mudança de postura por parte dos professores, no sentido de atualização sobre os novos gêneros, incorporando-os na prática educativa.

A concepção de Koch (2006) acerca do gênero considera-o como ferramenta, na medida em que um sujeito – o enunciador – age discursivamente numa situação definida – ou seja ação – por uma série de parâmetros, com a ajuda de um instrumento semiótico - o gênero. A escolha do gênero se dá em função dos parâmetros da situação que guiam a ação e estabelecem a relação meio- fim, segundo ela é a estrutura básica de uma atividade mediada. O que corrobora com a proposta apresentada aos alunos do Ensino Médio, no qual teriam contato com o gênero crônica, pouco comum no contexto de Mamorana - São Bernardo, mas de relevância para conhecimento dos alunos de Ensino Médio.

Nesta perspectiva, Rodrigues (2000) também argumenta que precisamos ter neste conceito de gênero como ampliação algum modelo, mesmo que provisório do modo de enunciação nas instâncias sociais, ou seja, uma visualização melhor do modo como as

condições de produção do gênero existem. Tal indicação serviu de motivo para levar crônicas para sala de aula e os alunos tanto lessem como produzissem.

3.1 Gênero Textual Crônica

Discorreremos nesta subseção acerca do gênero trabalhado na prática da pesquisa, como já justificado nos informes introdutórios deste trabalho por escolheu-se este gênero porque além de está entre rol de conteúdos que os sujeitos da pesquisa iriam estudar no semestre, no qual a prática na escola-campo se desenvolveu (ver sobre os sujeitos da pesquisa na subseção 4.1.3 e sobre a prática da pesquisa no capítulo cinco deste trabalho). E principalmente, por ser um gênero que possibilita atividades com a língua oral e escrita (BECKER, 2013), permitindo aos alunos desenvolverem habilidades e competências da Língua Portuguesa a partir da produção textual de fatos pertencentes aos seus conhecimentos de mundo.

Nos meados do século XIX, desde seu aparecimento nos periódicos brasileiros a crônica, era chamada de folhetim, termo emprestado do francês *feuilleton*, segundo Bender; Laurito (1993, p.15 Apud CURSINO, 2011, p.04) ocupando o espaço livre do rodapé dos jornais. Sá (2008) também discorre que a crônica surge do jornal, e a riqueza estrutural do jornal e, portanto, da crônica nasce da necessidade de “explorar da maneira mais econômica possível o pequeno espaço de que se dispõe” (SÁ, 2008, p.8).

Mais tarde começou ser publicamente como discussão em colunas diárias ou semanais no jornalismo impresso. O principal na crônica é o prosaico como insumo da criação literária. Por isso, apresenta-se como um dos vetores do ensino da língua materna por meio dos discursos e das linguagens do cotidiano (SÁ, 2008, p.8). No entanto, o estudo dos gêneros discursivos possibilita um trabalho produtivo, em que se considera a língua como interação. Trabalhar com o gênero discursivo crônica implica saber sobre as funções de suas linguagens em práticas de leitura e produção textual em sala de aula.

De acordo com Becker (2013) a crônica não apresenta limites claros em relação a outros gêneros, como o conto, pois quando há estilo há gênero diferenciado. As crônicas retratam o cotidiano, de modo geral, os pequenos acontecimentos, aquilo que o olhar do cronista captou, e se não fosse por ele passaria despercebido. O trabalho com a crônica possibilita o desenvolvimento de atividades com a língua oral e escrita. E constrói-se, assim, através de atividades de uso, contextualizadas e significativas da linguagem oral e escrita (BECKER, 2013).

Partindo da visão do autor a seguir, a crônica é um gênero textual capaz de conduzir também (além da leitura) as atividades de produção; visto que, de acordo com o que foi colocado, nela podem ser observados outros gêneros, além das tipologias textuais clássicas: narração, descrição e dissertação. Conforme Silveira (2009, p.237), em outras palavras, os gêneros são formados por muitas sequências de textos estão no cotidiano nos meios de comunicação interagindo renovando a sua imaginação a partir das realidades do cotidiano. A crônica transmite muita clareza ao leitor, pois é relevante que todo professor utilize-se sempre a crônica na sala de aula na produção textual dos alunos, possam ler e conhecer pra que posar interpreta e produzir mais nas escolas.

A crônica conforme Baltar (2007 p.157) aparece na documentação e memorização das ações humanas, seu aspecto tipológico é o relatar, ela é a representação pelo discurso de experiências vividas, situadas no tempo. Mobiliza-se atitude discursiva do relatar quando o usuário de uma língua, ator verbal, numa ação verbal efetuada por intermédio de um gênero textual específico, deseja relatar/reportar aos seus interlocutores fatos ocorridos num espaço de tempo e num lugar específicos, envolvendo unidade temática e agente participantes de eventos passados, criando o efeito de sentido de dizer a outro o que se viu, agindo como um “repórter”, como um “relator” de como o fato realmente se passou segundo sua ótica.

Nesse sentido, a crônica está sempre relatando sobre a sociedade de uma forma às vezes engraçada, fazendo com que o leitor posar interagir e ao mesmo tempo relatar as e transformando em discurso que tenha sentido. Sabemos que por meio da crônica os alunos tem mais interesse pela leitura, transmite uma linguagem informal que vai dando mais suporte e transmitindo situações que são fatos ocorrido no cotidiano, crônicas são encontradas poucos nos livros didáticos, mais é na internet. Esse ator, então, deixa pistas da opção retórica de organização de seu texto, lançando mão, predominantemente, de articuladores de tempo, informando a suas interlocutoras nuances do fato ocorrido: o tempo em que se deu o fato, o porquê do fato ocorrido, o lugar em que se deu o fato, quem praticou a ação reportada e a quem essa ação se dirigiu e as possíveis consequências.

Para tratarmos com o gênero crônica fez-se necessário o trabalho com a leitura, levando o aluno a pensar, aprender e refletir. Outro viés desse processo, é a avaliação, no qual observar o aluno nos seus avanços principalmente através da escrita, assim possa compreender e tenha um rendimento progressivo. Koch (2011) afirma que levar o aluno a dominar o gênero, primeiramente para melhor conhecê-lo ou apreciá-lo, para melhor compreendê-lo, produzi-lo na escola ou fora dela; para desenvolver capacidades que ultrapassam o gênero e são transferíveis para outros gêneros próximos ou distantes. Para

realizar tais objetivos, torna-se necessária uma transformação, ao menos parcial, do gênero: simplificação, ênfase em determinadas dimensões entre outros elementos. Sobre o assunto Bakhtin (1997) contribui que:

O estudo da natureza dos enunciados e dos gêneros discursivos é, segundo nos parece, de importância fundamental para superar as concepções simplificadas da vida do discurso, do chamado 'fluxo discursivo', da comunicação, etc., daquelas concepções que ainda domina a nossa linguística. (BAKHTIN, 1997, p.269)

Em um sentido mais profundo e único que vem trazendo as emoções, e deixando o leitor desvendar, um texto mais agradável, de ler extremamente eficaz de seduzir o aluno para a leitura. Podemos ver que a crônica nem sempre vem com uma narrativa, ela vem em forma de análise, comentando, descrevendo, sugerindo e explicitando de maneira leve e curta, ao cotidiano.

Nesta subseção vimos que as crônicas por não serem tão restritas em sua composição como outros gêneros como as fábulas, conto de fadas e outros, bem como por permitir o uso de uma linguagem mais simples e informal, o que aproxima o autor da sua obra, o que permite na sala de aula proporcionar aos alunos o gosto por ler e escrever, visto que nas crônicas eles podem perceber uma relação com o lido e seu cotidiano, assim como escrever sobre suas visões de mundo.

No intuito de compreender os usos dos tipos e gêneros textuais, fez-se necessário desenvolver a subseção que aborde a importância da leitura no espaço escolar. Por isso Conforme os autores Bamberger (1986), Bakhtin (1997) para que se possa entender a justificativa de trabalhar com mais frequência a prática da leitura na sala de aula discutiremos sobre esta prática no ambiente escolar.

3.2 Leitura no Espaço Escolar

Estamos inseridos numa sociedade letrada que a todo o momento coloca-nos em situações nas quais necessitaremos de habilidades essenciais de nossa língua, no que se refere à escrita e a leitura. Deste modo, o hábito da leitura e da escrita são fundamentais, principalmente da leitura visto que influenciará bastante no processo de escrita, deve ser incentivado em casa e, essencialmente, na escola, não somente por esta ser a instituição legitimada para prática do desenvolvimento dos conhecimentos dos cidadãos, mas por ser o local no qual o aluno passa a maior parte do tempo que tenha alguém que possa lhe auxiliar nesta prática.

Visto isso, está em ambiente no qual o aluno possa desenvolver a leitura e consequentemente a escrita, é um direito seu, pois ele necessitará destas habilidades para desenvolver outras, de modo que ele (conforme aponta a LDB e os PCN) desenvolva-se plenamente para ser reconhecedor e agente dos seus direitos e deveres enquanto cidadão.

Para que tenhamos ideias e as coloquemos em prática temos que a aprender a buscar importantes conhecimentos e é só com a leitura que encontramos informações concretas, é onde se vai ter suas própria crítica e poder argumentar ideias, e poder criar e reconstruir um diálogo com muito mais eficácia tendo um desenvolvimento mais construtivo argumentativo, se tiver lendo pois é a leitura que faz ser humano, ser sábio com muitas habilidades com conhecimento eterno. Aqui referendamos o disposto sobre que “Cada enunciado é um elo na corrente complexamente organizada de outras enunciados”(BAKTHIN, 2011,p.272), no qual a leitura faz a interligação entre esses elos.

Segundo o autor Bamberger (1986) as vezes nos perguntamos: Por que ler? Sem a leitura nossas vidas não teriam sentidos seria o livro vazio. A leitura suscita a necessidade de formalizar-se com o mundo, enriquecer as próprias ideias e ter experiências intelectuais. Como resultado temo uma formação de uma filosofia da vida, com apreensão do mundo que nos rodeia.

A leitura também constitui uma busca além da realidade, pois supõe procurar o significado interno, o reconhecimento do simbólico nos acontecimentos cotidianos. Quando pensamos num bom leitor, vem-nos à mente o leitor literário, para qual uma leitura é uma experiência estética (BAMBERGER, 1986, p.42). No caso da escola, pensamos que o bom leitor compreende o que ler e saber realizar as relações devidas em relação ao gênero lido.

A leitura tem sido constantemente a expressão importante na vida do ser humano, mas nem sempre percebida. Vemos que muitos não gostam de ler mais o que tem de bom está na leitura a maioria não está enxergando, tão frequente nas escolas, é resultante de uma concepção os alunos não quererem ler. Sabemos que é a leitura que se restringe a medir a quantidade de informações retidas. Nessa abordagem, em que educar se confunde com informar, assume um caráter seletivo. E as experiências múltiplas e variadas, nessa abordagem, ao lermos, podemos nos tornar um leitor ativo e dinâmico, que participar da construção de seu próprio conhecimento.

A leitura é uma tarefa que exige certa objetividade e clareza dos sujeitos nela envolvidas. Porém, apesar das dificuldades na sua realização, não se trata de algo inatingível que apresenta obstáculos intransponíveis e sim de algo que necessita ser encarado com todas

as suas peculiaridades. Para tanto, precisamos do conhecimento de outros autores e os vamos encontrar se lermos.

Ao lermos podemos refletir sobre, no sentido de deixar mais claro os objetivos e critérios usados na leitura, tais critérios, por sua vez serão usados nas análises e serem realizadas e no julgamento a ser feito, dando subsídio para a tomada de decisão e o redimensionamento, se necessário, da proposta didática vivenciada.

A seguir, trataremos sobre o capítulo da metodologia desta pesquisa, detalhando os passos efetuados durante todo o processo de reflexão teórico-prático.

4 PARA SABER SOBRE A PESQUISA

Para melhor compreensão acerca do desenvolvimento do processo metodológico da pesquisa em questão é relevante conhecer qual o contexto em que tivemos contato com a escola utilizada para a pesquisa, a escolha do público alvo (adolescentes) e a relação deles com gênero textual crônica.

A pesquisa tem abordagem qualitativa (CRESWELL Apud COSTA, 2013) por analisar os aspectos subjetivos que qualificam e contribui para o problema. Em relação à abordagem qualitativa, foco principal do estudo, " preocupa-se em analisar e, sobretudo interpretar os aspectos de forma mais profunda, complexa acerca do comportamento humano oferece análise mais minuciosa em relação as investigações, atitudes, e tendências de comportamentos"(MARCONI; LAKATUS, 2004, p.269).

A pesquisa realizou-se em três etapas: i) a revisão da literatura selecionada ou seja, os autores que foram citados no trabalho ii) observação participante na escola-campo, a qual aconteceu no período do estágio e da prática com o gênero crônica na sala de aula iii) análises dos resultados desta prática por meio das produções textuais dos sujeitos pesquisados, os quais foram os alunos do 2º ano do Ensino Médio da escola.

Para tanto, utilizou-se como instrumentos de coletas de dados o diário de campo durante a observação participante e intervenção da pesquisadora, e as produções dos alunos. Discorreremos a seguir, sobre cada uma destas etapas.

4.1 Contexto da Pesquisa

No decorrer deste subitem abordaremos, de forma detalhada, os fatores que influenciaram na criação da problematização da pesquisa, assim como, os princípios de sua

execução. Neste caso, discorreremos sobre o curso de Licenciatura em Linguagens e Códigos pela Universidade Federal do Maranhão - UFMA, campus São Bernardo- MA, por ser o local que lançou as bases teóricas para o desenvolvimento da atividade de leitura. Em seguida, as etapas do Estágio Obrigatório que proporcionaram reflexões a partir das discussões teóricas da área na academia e nas experiências à docência. Será descrito também, os processos metodológicos da pesquisa e os aspectos estruturais e qualitativos da escola-campo.

4.1.1 Curso Linguagens e Códigos

O Curso de Licenciatura Interdisciplinar em Linguagens e Códigos, Campus São Bernardo, criado partir da *Resolução nº 138- CONSUN de 24 de maio de 2010* em adesão da Universidade Federal do Maranhão ao Programa de Apoio a Planos de Reestruturação e Expansão das Universidades Federais (REUNI). O projeto do curso possui uma carga horária total de 3680 horas, a proposta do mesmo frisa que os graduandos tenham uma formação interdisciplinar de professores que contemplará as áreas de *Linguagens e Códigos (Português, Espanhol, Inglês, Artes Visuais e Música)* que permite os graduandos atuarem nos anos finais do Ensino Fundamental e de Língua Portuguesa ou Música para atuarem no Ensino Médio.

De acordo com Projeto Político Pedagógico (PPP) do Curso de Linguagens é um projeto que tem como foco a consolidação de um processo de aprendizagem em nível superior qualitativa, conforme afirmativa abaixo:

vem procurando caminhos inovadores em sua prática para resultados que produzam concepções que não se limitem à *transmissão de conhecimento*, mas que na transmissão possam gerar a transferência de valores por meio do ensino, próprios da articulação de princípios inerentes às diferentes áreas. O que se considera inovador não é o referencial, mas o perfil de um professor que se pretende formar, o qual deverá se apropriar de um olhar que desafie um pensamento complexo que, para isso, precise estar desviado de um foco convencional: o conteúdo das diferentes áreas. (PPP LLC, 2013, p.11 grifos no original)

Isto é, o curso apresenta uma proposta inovadora interdisciplinar que proporciona um diálogo entre as Linguagens e os Códigos das áreas de conhecimentos de Língua Portuguesa, Língua Inglesa, Língua Espanhola, Música e Arte Visuais, nas quais o professor não precisa saber apenas sua área específica, mas, abra os horizontes no que diz respeito áreas relacionadas a sua, que possa da possibilidades ao aluno, em suas aulas, momentos de interação entre professor aluno e demais áreas de conhecimentos.

Esses dados servem para entendermos o processo de formação abrangente, nas várias áreas do conhecimento. O que auxiliou no desenvolvimento da atividade de estágio. A seguir, trataremos sobre as informações sobre o Estágio que possibilitou os dados para esta pesquisa.

4.1.2 Estágio Obrigatório II

O Estágio ocorre durante o processo de formação do Curso de Linguagens e Códigos. Com base na legislação, que rege o Estágio Obrigatório **Resolução nº 684-CONSEPE (2009)** observamos as seguintes disposições:

o estágio é um componente curricular integrante do projeto pedagógico que envolve todos os cursos de graduação, e por sua vez constitui um eixo articulador entre a teoria e prática possibilitando assim aos estudantes a interação no que diz respeito à formação acadêmica e o mundo de trabalho.

Nesta perspectiva, o estágio é uma atividade supervisionada específica e deve ser desenvolvida no ambiente escolar visando à preparação dos estudantes à vida profissional.

De acordo com os autores Cabral e Angelo (2010) o estágio é a exteriorização do aprendizado da academia que se encontra fora dos limites da universidade. É o *locus* do espaço da escola em que o graduando de licenciatura desenvolverá seus conhecimentos junto às instituições, que estão vinculadas seja ela pública e privada, integrando tanto a teoria quanto a prática, contribuindo para uma análise de pontos positivos e negativos das organizações e propondo melhorias para as instituições. Ainda nesta concepção, conforme Cabral e Angelo (Apud SANTOS, 2012) o estágio obrigatório é desenvolvido na perspectiva da integração entre a teoria e a prática, deve proporcionar uma aproximação da realidade da sala de aula e da escola, sendo que esta leva a uma reflexão teórica sobre a prática, sobretudo o que observamos e vivenciamos durante a mesma, propiciando ao aluno a oportunidade de fazer uma síntese da teoria e da prática.

Cabe frisar que para esta pesquisa, o Estágio Curricular Supervisionado I da segunda turma (turma 2011), do curso de Licenciatura em Linguagens e Códigos da Universidade Federal do Maranhão - UFMA, campus São Bernardo – MA na Escola “Unidade Integrada Juscelino Kubitschek”, localiza-se no povoado Mamorana, município de São Bernardo, nas proximidades da MA, desenvolvido no decorrer dos (2014 e 2015) foi o momento mais propício para iniciar a segunda etapa da pesquisa, uma vez que o estágio

proporcionou, durante o período das observações, um contato maior com as aulas língua portuguesa e seus pares.

Para dialogar acerca do estágio é relevante Oliveira (2005), no qual afirma que o estágio supervisionado é um espaço privilegiado de questionamento e investigação, que o nosso papel, enquanto professores formandos, é o entendimento que atividades na escola tem por finalidade buscar mudanças, colher dados para denunciar falhas e insuficiências da educação.

Como foi citado o curso de Licenciatura em Linguagens e Códigos de acordo com o Projeto Político Pedagógico (PPP), traz uma proposta interdisciplinar que abrange as áreas de (Português, Espanhol, Inglês, Artes Visuais e Música) para atuarem nos anos finais do Ensino Fundamental e com habilitação em Língua Portuguesa para atuarem no Ensino Médio. Por isso, todas as intervenções assim como as atividades na escola que foram trabalhadas no período do estágio supervisionado foram com base nos incisos da Lei de Diretrizes e Base da Educação Nacional - LDB 96, que frisa que “o cidadão terá como formação básica o desenvolvimento da capacidade de aprender, tendo como meios básicos o pleno domínio da leitura, da escrita desenvolvimento da capacidade de aprendizagem, em que se assenta a vida social” (BRASIL, 1996, p.22).

Para execução das atividades, foi necessário ações, as quais foram planejadas, discutidas e socializadas pelos alunos, juntamente com o supervisor docente e coordenação de Estágio.

No período de todo estágio foram divididas em horas várias atividades, nas quais apresentamos a seguir:

‘1 momento na escola-campo’ – conhecimento por meio de diagnóstico. Visita ‘in loco’; 50h para ‘2 momento na escola-campo’ – a inserção do estagiário - Observação e participação no cotidiano da escola - analítico crítico de aulas; 60hrs para o ‘3 momento na escola-campo’ - Regência de sala de aula; e 50hrs para o ‘4 momento da escola-campo’ - preparação e aplicação do projeto interdisciplinar. E 20hs para instrução sobre o estágio- leitura e discussão dos documentos e instruções do Estágio: apresentação; normas; critério para acompanhamento e avaliação a serem utilizados no campo de estágio; documentos para cada etapa. 20hrs para preparação regência e regência simulada; 15hs para elaboração de relatórios; 10hrs para Totalizando as 225hrs de duração do estágio (ver quadro com as divisões desta carga-horária no anexo 2). Para totalizar as 225hrs para os estagiários que estivessem exercendo a profissão de professores, assim como quem participou de projetos de iniciação à docência, por exemplo, do PIBID, no período de dois anos teve redução de 30% nas regências e na aplicação do projeto interdisciplinar, contabilizando 37hrs para aquelas e 40hrs para este. Como não tive nenhuma redução tive que fazer todas as regências. (Informações da resolução que foi citada acima(PPP, 2010).

Como visto, foram dedicadas várias horas de planejamento e atividades que serviram de bases para o desenvolvimento do trabalho com o gênero crônica em sala de aula. O que fundamenta um trabalho pedagógico com apoio didático-acadêmico da UFMA.

Com base o que foi citado, no próximo tópico será abordado as observações no decorrer do estágio II (Ensino Médio), na escola pesquisada.

4.1.3 Escola de Atuação do Estágio e da Pesquisa

A Escola “Unidade Integrada Juscelino Kubitschek”, encontra-se localizada no povoado Mamorana, município de São Bernardo, nas proximidades do MA 034, zona rural. Sobre sua fundação, não há registro de datas concretas, apenas suposições de moradores mais antigos. O que se sabe na verdade, é que recebeu este nome em homenagem ao Presidente da República, Juscelino Kubitschek. É uma instituição municipal e fica numa área comercial com: comércios, lojas, posto de saúde. Atualmente, a população tem aproximadamente 184 (cento e oitenta e quatro) famílias, segundo dados dos agentes de saúde.

Quanto as Modalidades de Ensino oferece Educação Infantil do maternal ao jardim II, Ensino Fundamental Menor do 1º ao 5º ano, ambos no turno matutino, Ensino Fundamental Maior do 6º ao 9º ano, no turno vespertino. Segundo o Diretor, suas funções são: gerir o funcionamento da infraestrutura, quanto da parte administrativa, pedagógica e recursos humanos.

O corpo docente do turno vespertino é formado por 10(dez) professores, sendo 8(oito) nomeados todos com Pós- Graduação e 2 (dois) contratados com graduação. Ainda possuem em seu corpo de funcionários, um secretário, três (três) zeladores, três (três) serventes e três (três) vigilantes. A construção deste prédio é de alvenaria, possuindo seis (seis) salas de aulas atendendo cerca de 210 (duzentos e sete) (dados da escola) alunos no turno vespertino. O prédio foi construído para a escola, com intuito de atender as necessidades do povoado.

Ainda sobre as condições do prédio, podemos constatar que a escola possui 3 (três) banheiros, sendo que um deles é adaptado para cadeirantes, 1(uma) cantina, 1(uma) sala para professores, 1(uma) diretoria, 1(uma) biblioteca. Os recursos que a escola possui são: 2 (dois) bebedouros,1(um) retroprojektor, projetor de slides,1(um) DVD, 1(um) som, gravador,1(um) caixa de som1(um) microfone1(um) maquina de xérox,1(um) impressora e

1(um) computador. O diretor disse que os professores fazem uso frequente dos equipamentos, chegando a ser necessário o agendamento para o controle dos materiais.

As reuniões acontecem mensalmente quando há necessidade da escola. Quanto à receptividade, foi adequada por parte de todos, entre gestor, docente e demais funcionários.

Como visto, a escola possibilita de modo limitado, um espaço para o desenvolvimento de atividades educativas, principalmente em relação ao Ensino Médio. Haja vista, a disponibilidade de sala de informática com internet para complementação dos estudos, o uso dos instrumentos musicais para aprendizagem dos alunos. A seguir tratamos especificamente, das observações nas aulas de Língua Portuguesa.

4.2 Observações da Prática Docente de Língua Portuguesa

A observação da disciplina de Língua Portuguesa na Escola Unidade Integrada Juscelino Kubitschek, destacou uma prática docente mais centrada nos alunos, com uma organização nos planos e a relação professor - aluno é de mediação, no qual o professor dá as condições e os meios para que os alunos assimilem os conhecimentos, dirigindo assim os discentes para os objetivos da aprendizagem. Há utilização de recursos didáticos em sala de aula, os quais são de fundamental importância para facilitar a aprendizagem dos alunos. Pois de acordo, com Libâneo a “educação escolar constitui-se num sistema de instrução e de ensino com propósitos intencionais, práticos, sistematizados e auto grau de organização, ligados intimamente às demais práticas sociais”. (LIBÂNEO, 1994, p.56)

Neste período percebemos o quanto o ambiente da sala de aula é razoavelmente favorável ao desenvolvimento de situações de aprendizagem, as salas não são tão quentes, possuindo os ventiladores que funcionam. A água é própria para o consumo, porque é filtrada. Quanto às avaliações são parciais e bimestrais, às vezes fazem trabalhos individuais, num modelo de avaliação, muitas vezes quantitativa simplesmente para adquirir uma nota. Já com relação aos gêneros textuais trabalhados, pouco se observou com alunos, principalmente o gênero crônica, atividades que foram trabalhadas no período do estágio.

4.3 Prática da Pesquisadora nas Aulas de Língua Portuguesa

Em Maio de 2015, foi realizada a pesquisa na Escola Unidade Integrada Juscelino Kubitschek nas series 1º, 2º e 3º ano do Ensino Médio. Os conteúdos do plano de curso da

professora titular nas séries citadas acima eram sempre relacionados com o uso do livro didático. Os alunos que compõem estas salas são em média de 13 (treze) a 30 (trinta) alunos por turma, a que trabalhamos foi a que tinha menos alunos somente 15(quinze). Ao adentrar nas salas de aula fui apresenta como aluna estagiária do Curso de Licenciatura em Linguagens e Códigos da Universidade Federal do Maranhão – UFMA, Campus São Bernardo – MA. Encontramos bastantes dificuldades no 2º ano, foi nessa que resolvi fazer a pesquisa em questão. No momento das aulas aconteciam conversas paralelas, o que prejudicava as atividades desenvolvidas.

A grande maioria participou oralmente, fazendo intervenções no momento da explicação do assunto que era crônica. Pedi que alguém fosse a frente ler o que estava escrito no slide e responder a seguinte questão: Identifique vários tipos de crônicas. Para minha surpresa, boa parte da turma queria participar, pois as professoras ministram suas aulas por meio do quadro. Foi na verdade um momento produtivo para prática pedagógica, pois vimos ali a motivação que fortaleceu o desejo de seguir firme com as convicções profissionais que possibilitam transformar a educação. Percebemos o quanto os resultados alcançados tanto positivamente quanto os negativos são relevantes, quando a intenção é o compromisso sério com a prática educativa.

Durante as observações diagnosticamos as dificuldades na leitura e também na escrita dos alunos principalmente, problemas que impede o desenvolvimento cognitivo do aluno na disciplina de Língua Portuguesa, o que implica dificuldades nas demais disciplinas. Por isso sentiu-se a necessidade de desenvolver a pesquisa em questão que verificasse práticas com leitura e escrita do gênero crônica pode contribuir para uma melhor participação dos alunos no processo de ensino-aprendizagem consequentemente contribuindo para o desenvolvimento das competências e habilidades essenciais para este processo.

A seguir discorreremos detalhadamente o processo de análise da pesquisa, abordagem adotada, os instrumentos utilizados entre outras informações relevantes.

5 ANÁLISE DOS DADOS

Neste capítulo trataremos sobre a aplicação, o desenvolvimento e as reflexões da atividade na escola-campo com o gênero crônica. Partimos do pressuposto do conceito de língua como um processo interativo e dinâmico das práticas sociais, com viés bakhtiniano.

5.1 Aplicação da Atividade com Gênero Textual Crônica

No início das atividades, o primeiro texto apresentado “*A última crônica*”³ de Fernando Sabino (1995). Percebemos certa resistência antes da aplicação – em função do contexto de Estágio proposto pelo Curso de Linguagens, por parte dos alunos para com a atividade proposta. Esta resistência fez com que trabalhasse de forma detalhada esse gênero nas várias atividades. A seguir, para melhor visualização da metodologia que foi trabalhada no decorrer das atividades, apresentamos o planejamento:

a) Planejamento da atividade I - leitura das crônicas:

- Objetivo: Criar momentos no cotidiano da sala de aula para que os alunos da escola Juscelino tenham oportunidade de ler, conhecer diferentes propostas de leituras e comentar sobre as leituras realizadas em sala de aula ou fora dela.
- Público: 2º ano Ensino Médio;
- Crônicas selecionadas: crianças hora de dormir, menina no jardim, no restaurante

Sequência Didática

1. Organizar a sala de aula;
2. Solicitar aos alunos que coloquem as cadeiras em círculo;
3. Apresentar para os alunos o objetivo da atividade;
4. Mostrar várias crônicas no datashow e também no livro, para que os alunos possam opinar por qual leitura seria mais interessante ser realizada;
5. Expor as crônicas por meio do Datashow e do livro;
6. Leitura das crônicas;
7. Promover uma discussão sobre as narrativas das crônicas;

Como foi optado pela pesquisadora, ao trabalhar com o gênero crônica, percebemos as dificuldades dos alunos para com esse tipo de texto, mas houve uma

³ Ver anexo 03

aceitabilidade dos alunos, já que foi melhor do que esperado. Refletimos também que estas atividades caso fossem mais exploradas, em outros momentos trariam melhores resultados.

O planejamento acima, cumpre o disposto no PCN (1998), quando trata dos eixos, em que afirma que, no primeiro eixo estão às práticas de escuta e leitura de textos e a prática de produção de textos orais e escritos. No que se refere o segundo eixo, a reflexão é a prática das análises linguísticas, assim como também há sugestão de seleção de gêneros para serem trabalhados na escola priorizando o uso da linguagem e reflexão crítica (BRASIL, 1998). Posteriormente, foi elaborado mais uma sequência didática para melhor compreensão da temática.

b) Planejamento da II atividade com gênero crônica

- Objetivo: promover momentos de leituras em sala de aula, proporcionando aos alunos oportunidades de conhecer e discutir sobre o gênero textual crônica
- Conteúdo: Leitura, crônica.
- Turma: 2º ano do Ensino Médio
- Recursos: caderno, caneta ou lápis;
- Registros: diário de campo.

Sequência Didática

1. Apresentar o objetivo da atividade;
2. A pesquisadora irá ler as crônicas;
3. Questionar os conhecimentos prévios dos alunos a cerca de gêneros textuais com ênfase o gênero textual crônica;
4. Entrega dos textos: Crianças hora de dormir⁴, Menina no jardim, no restaurante⁵; A última crônica⁶.
5. Discutir sobre as crônicas lidas;
6. Explicar sobre a estrutura de uma crônica;
7. Dividir a sala em grupos ou individual para produção de uma crônica com qualquer temática;
8. Solicitar que cada grupo faça uma crônica;
9. Recolher as crônicas produzidas.

Sequência Didática - 2º Etapa e última etapa

⁴ ANDRADE, Carlos Drummond de

⁵ CAMPOS, Paulo Mendes

⁶ SABINO, Fernando. A companheira de viagem. Rio de Janeiro :Editora do Autor, 1965.p.174.

- Entregar para os grupos suas crônicas para reescrita da mesma;
- Recolhimento das crônicas produzidas.

Como apresentamos nos planejamentos acima, no primeiro momento, o objetivo da oficina foi de realizar a leitura das crônicas. Depois questionamos sobre os conhecimentos prévios dos alunos acerca dos gêneros, com ênfase no gênero crônica.

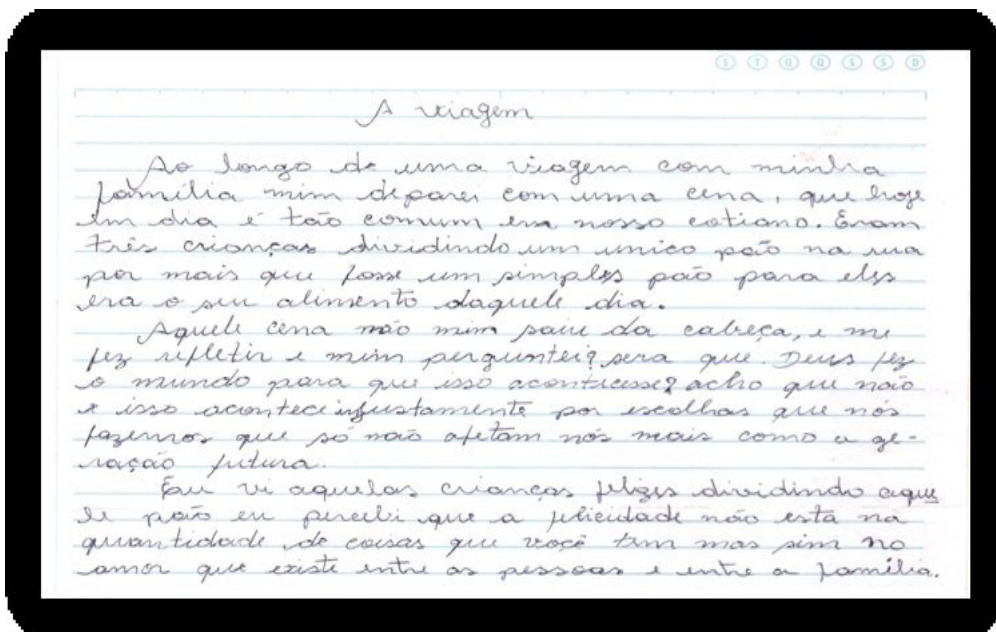
Durante a oficina, percebemos que a turma já possui uma referência sobre o conceito de linguagem, mesmo que inconsciente, o que nos sugere, a partir do conceito de língua como interação, corroboramos com Bakhtin, 1997 (apud CURSINO, sd) ao afirmar que a concepção de linguagem se traduz em “enunciativo-discursiva, na qual considera o discurso como prática social é uma forma de interação” (p. 20).

A seguir, apresentaremos as análises dos alunos das crônicas produzidas pelos alunos. As observações de alguns problemas encontrados no que diz respeito à coesão textual. Bem como, as características do gênero crônica explorado em sala de aula.

5.2 Análises das Produções

Iniciamos as análises das produções dos alunos, com o texto produzido intitulado “A viagem”, com mostra a seguir:

Figura 01- 1ªP “A viagem”



Fonte: Arquivo da pesquisadora.

O enredo da “1ªP”⁷ refere-se a uma viagem, ao analisar este texto percebemos que para o(a) autor(a) não era relevante citar para onde foi esta viagem, uma vez que a focalização⁸ do texto, a situação centralizadora a qual merece a atenção e reflexão do leitor (intencionalidade⁹ do autor) encontra-se numa situação, que segundo o autor “*uma cena, que hoje em dia é tão comum em nosso cotidiano*” (1º parágrafo, linha 2-3) três crianças dividindo o pão entre si. Sequencialmente, a voz do narrador, num momento de reflexão indaga-se “*Deus fez o mundo para que isso acontecesse?*” (2º parágrafo, linha 2-3). De forma direta, respondemos tal questão e explicita que na verdade, ao seu vê, a cena como esta acontecesse por consequências de “certas” escolhas que “a sociedade (nós) faz(emos)”.

A crônica finaliza-se com a reflexão do narrador, a partir da observação da cena dos meninos dividindo um pão; “*a felicidade não está na quantidade de coisas que você tem mas sim no amor que existe entre as pessoas e entre a família*”. Nota-se que indiretamente um apelo é feito, uma sugestão que o narrador faz ao leitor; amar a família e as outras pessoas, seguir o exemplo daquelas crianças que mesmo possuindo tão pouco, “*um simples pão*” como é descrito no texto, sentiam-se felizes em dividir com seu semelhante.

No que se refere à coesão textual, verifica-se que o aluno (a) busca seguir uma sequência, a qual entende como característica da crônica: “introdução, apresentação da situação principal, desenvolvimento e desfecho”. (SILVEIRA, 2009, p. 238)

Ainda referindo-se ao texto, detectamos marcas características da oralidade como a repetição de termos “mim” (linha 2, linha 7 e linha 8) e uso incorreto do pronome do caso obliquo “mim” ao deveria colocar-se “me” (linha 2, linha 7 e linha 8). Todavia, observou-se também que não ocorreram alguns erros de concordâncias comuns, o que às vezes torna-se comum nos textos de alguns alunos, como nos exemplos, a seguir: *Eram três crianças* (linha 2-3), *para eles* (linha 5), *escolhas que nós fazemos* (linha 10-11), *eu vi aquelas crianças felizes* (linha 13).

No que se refere à estrutura das crônicas Neves (1995, p. 17) afirma que a crônica é um texto que “tematiza o tempo e simultaneamente o mimetiza”. Ou seja, é ao mesmo

⁷ Neste trabalho utilizou-se “1ªP” para primeira produção, “2ªP” para segunda produção, e sucessivamente.

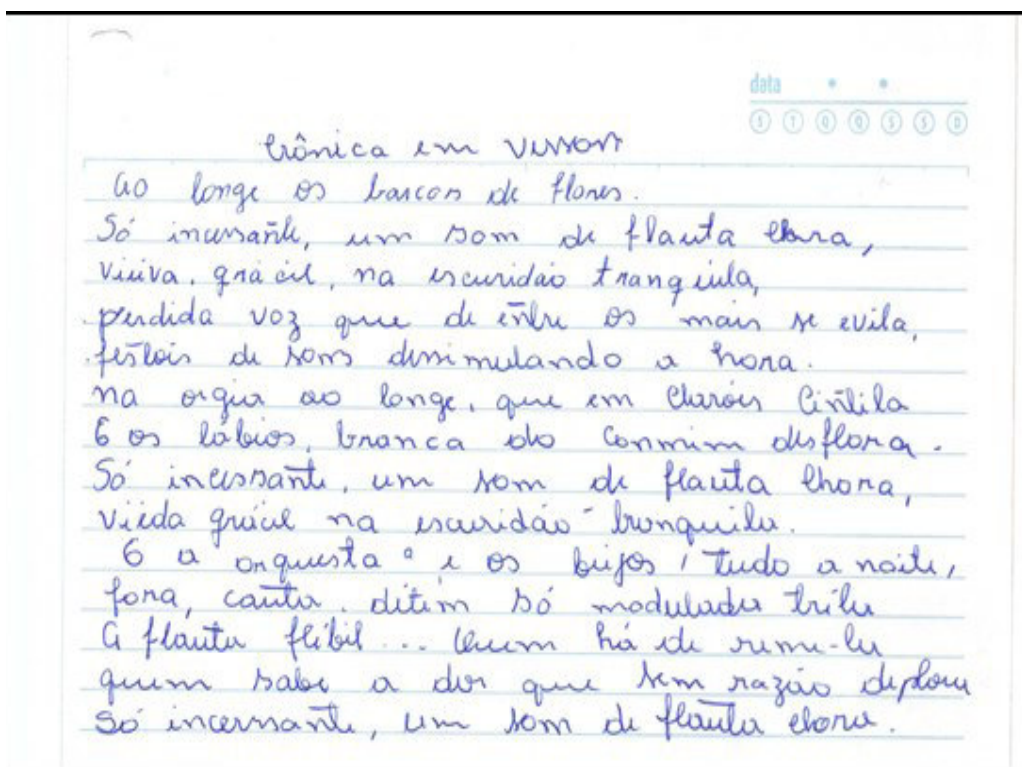
⁸ Entendemos que focalização “(...) tem a ver com a concentração dos usuários (produtor e receptor) em apenas uma parte do componente do mundo textual. Seria como uma câmera que acompanhasse tanto o produtor como o receptor no momento em que um texto é processado” Costa Val (2006, p.72).

⁹ A intencionalidade neste trabalho “refere-se ao modo com os emissores usam textos para perseguir e realizar suas intenções, produzindo, para tanto, textos adequados à obtenção dos efeitos desejados. É por esta razão que o emissor procurar, de modo geral, construir seu texto de modo coerente e dar pistas ao receptor que lhe permitam construir o sentido desejado”, conforme Costa Val (2006, p.79).

tempo, literatura e notícia de jornal, uma vez que comumente encontramos no jornal uma página dedicada à crônica. Vale ainda ressaltar, que pode ser observadas em poemas, narrativas, filmes e seriados de TV.

A seguir, trataremos da análise da segunda crônica.

Figura 02 – 2ªP “crônica em versos”



Fonte: Arquivo da pesquisadora

Na “2ªP” observou-se numa primeira leitura que o texto continha palavras que possivelmente não pertencia ao vocabulário do aluno. Palavras tais como “grácil” (linha 3) “carmim” e “disflora” (linha 7), e “deplora”(linha 13). Deste modo, inferiu-se que talvez o aluno tivesse copiado o texto.

Ao analisá-lo de forma mais minuciosa percebeu-se que este tinha características particulares do estilo do movimento literário **simbolismo**¹⁰ o uso da musicalidade a valorização de temáticas relacionadas a instrumentos musicais, sons vozes e a presença da

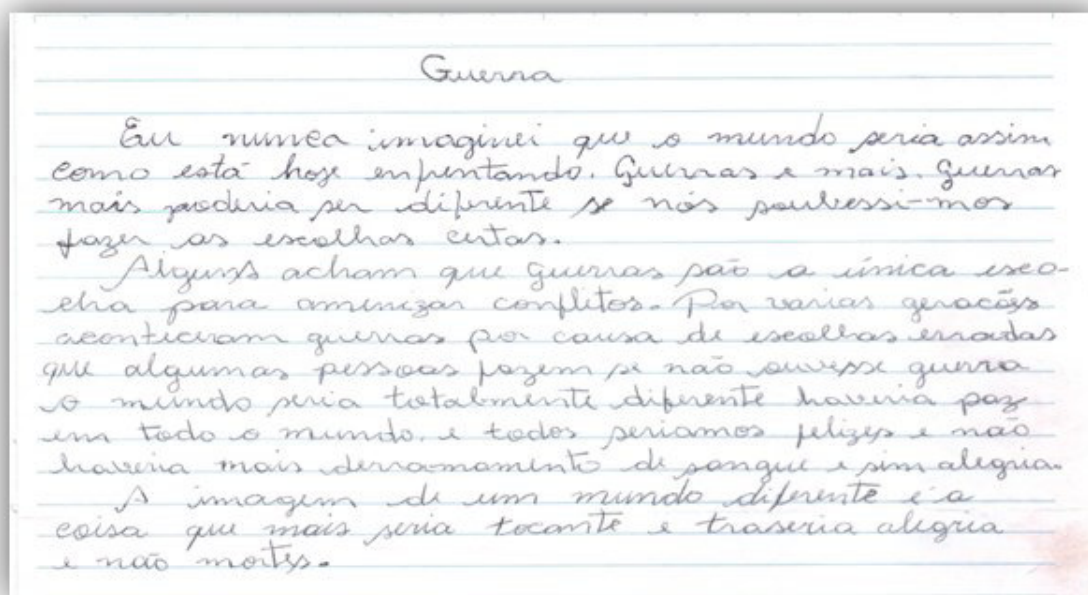
¹⁰ O simbolismo correspondeu a um esforço para apreender um mundo impalpável, que não pode ser definido. Para isso buscou o símbolo, uma metáfora capaz de evocar o **inefável** (indizível, indescreível), com o estímulo da **intuição** e principalmente, dos **sentidos**. Daí a valorização da **musicalidade** – tanto na forma (com aliterações, por exemplo) quanto na temática, com referências a instrumentos musicais, vozes e sons e o uso constante da **sinestesia** [...]. Ao voltar-se para o subjetivismo, para o ‘eu profundo’, os poetas simbolistas investiram na valorização do inconsciente e do subconsciente. [...] A alma deveria se desligar da matéria por meio da **sublimação**[...] Daí os simbolistas se valerem de temáticas **religiosas e místicas** e fazerem constante referência à morte (BARRETO, 2010, p.157 - grifos do autor)

sinestesia¹¹. Foi feita uma pesquisa a respeito, e constatou-se que se tratava da poesia “**Ao longe os barcos de flores**”¹² de Camilo Pessanha¹³. E ao fazer uma busca no livro didático de língua portuguesa dos sujeitos pesquisados confirmou-se que o aluno havia copiado a poesia mencionada acima da página 158 do seu livro.

Supomos que o aluno copiou o texto ao invés de escrever o seu próprio com suas palavras por não querer pensar em fazer seu próprio texto. Visto isso, infere que ele não tem o hábito desta prática. E ao depara-se com uma “atividade estranha” do seu cotidiano preferiu apenas transcrever a poesia. No entanto, deve ao menos a preocupação de criar o título o que se pode deduzir que ele entendeu as características deste gênero durante a atividade, e buscou justificar-se a diferença do “seu texto” para o que foi trabalho na atividade em sala de aula; “crônica em verso”.

Em seguida, será discorrido acerca do “3ªP” “Guerra”

Figura 03 – “3ªP” crônica “Guerra”



Fonte: Arquivo da pesquisadora

¹¹ O termo sinestesia (do grego syn = junto, estesia = sensação) tem sido usado para descrever uma grande variedade de fenômenos. Mais comumente, é utilizado para indicar uma condição em que a estimulação de uma modalidade sensorial, também dá origem a uma experiência de uma modalidade diferente (SAGIV, 2005, p. 3 apud MARI 2014, p. 271– tradução do autor).

¹² Ver poesia no anexo 01

¹³ **Camilo Pessanha**, poeta simbolista português viveu boa parte de sua vida em Macau (China), como professor e funcionário público. Ali morreu, consumido pelo ópio. Seu único livro, Clepsidra, foi publicado em 1920, contendo textos ditados a um amigo, quando o poeta esteve pela última vez em Portugal. É conhecido como poeta “da dor espiritual” compõe fragmentos de realidade memória, seus poemas caracterizam por serem forte, poder de sugestão e ritmo, tem elementos tipicamente simbolistas. (FERREIRA, 2003)

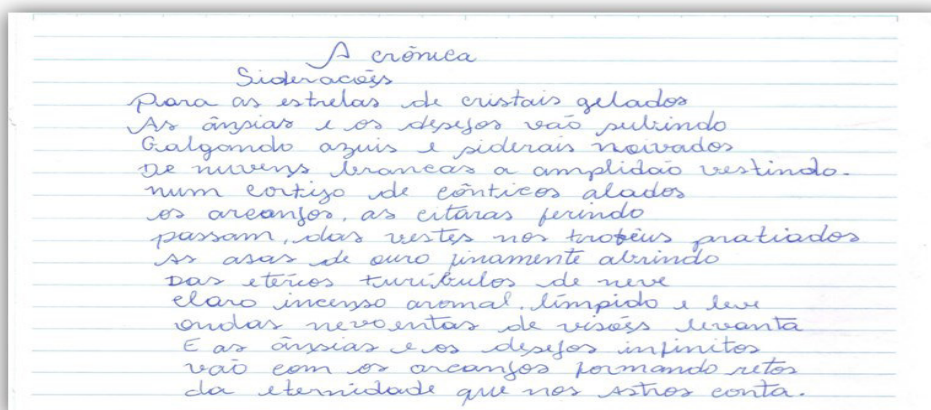
Na “3ªP” o aluno aborda como tema de sua produção as guerras que atualmente acontecem em diferentes partes do mundo. Segundo ele, elas são consequências de escolhas erradas feitas pelas pessoas, e que ao invés de apaziguar os conflitos estão contribuindo apenas para mais derramamento de sangue e para o crescimento de um cenário de terror. Para este aluno se não houvesse as guerras a imagem do mundo seria diferente, iria trazer alegria ao invés de sofrimento por causas das mortes.

Ao analisar a crônica acima foram observados alguns erros ortográficos que poderiam ser evitados, referentes ao uso do ponto (linha 8 “Por varias gerações acontecem guerras por causa de escolhas erradas que algumas pessoas fazem **se não houvesse guerra o mundo seria totalmente diferente**”) e da virgula (linha 2 “ Guerra e mais, guerra”)

Percebemos que o aluno escolheu um tema que está constantemente repercutindo nos meios de comunicações, conforme Becker (2013), uma das características do gênero crônica, é exatamente a utilização de temas que tratam ou estão presentes no cotidiano, todavia, o autor buscar colocar sua visão a respeito do tema, nesta perspectiva, Sá (2005, p.11) contribui afirmando que na crônica, “o real é meramente copiado, mas recriado”. Observou-se ainda que o mesmo não utilizasse personagens para seu texto, no entanto, como foi apresentada pela literatura da área na fundamentação teórica deste trabalho, a crônica ultrapassa alguns limites dos outros gêneros discursivos, e ora pode também apresentar-se de forma comentada ou explicativa.

Na produção analisada e apresentada a seguir, “4ªP” “*crônica Siderações*” veremos que tal como a “2ªP” o aluno dessa produção também não se empenhou em criar seu texto.

Figura 04 – “4ªP” crônica “Siderações”



Fonte: Arquivos da pesquisadora

Na “4ªP” assim como na “2ªP” foi observado que as características presentes estavam em desacordo com as do gênero crônica, trabalho na atividade em sala. Bem como a linguagem presente no mesmo também possuía palavras que possivelmente não pertencesse ao vocabulário do aluno. Palavras como “ânsias” (linha 2) “galgando”(linha 3), “turíbulos” (linha 9) e outras. Visto isso, assim como a “2ªP” buscou-se averiguar a autoria do texto analisado. Então, verificou-se que esta produção também pertencia ao movimento literário simbolismo, no caso desta trata-se de um dos poemas de *Cruz e Sousa*¹⁴, *Siderações*¹⁵.

Visto isso, deduzimos que este aluno também não é motivado a prática da produção textual. Triste realidade, visto que estes alunos provavelmente irão prestar algum vestibular quando concluir o Ensino Médio, ou mesmo quando eles estiverem no 3º ano deste ensino citado anteriormente. Algo que já é permitido; prestar o ENEM- Exame Nacional do Ensino Médio cursando o 3º ano.

Reforça-se então as reflexões que sugere a apresentação deste trabalho, buscar inserir cada vez mais no cotidiano dos alunos do Ensino Médio a produção textual, iniciando, como sugestão, com gêneros já presentes nos livros didáticos, como a crônica, no entanto, trabalhando de forma mais detalhada, exemplificada, e discutida. Com vista em permitir ao alunado não somente que eles conheçam, mas também compreendam seu contexto, e se familiarizem com suas características, por meio do hábito de ler e escrever.

Figura 05 – “5ªP” crônica “A caminho da escola”



Fonte: Arquivo da pesquisadora

¹⁴ João Cruz e Sousa conhecido como o cisne Negro de nosso simbolismo, procurou arte a transformação e enfrentar os problemas decorrente discriminação racial e social. Era negro filho de escravos nasceu em Florianópolis e faleceu aos 37 anos devido a doença tuberculose. Foi jornalista de segunda categoria, e, enquanto o poeta só teve valor depois da sua morte. Foi considerado o grande mestre do simbolismo.

¹⁵ Ver poesia original no anexo 02.

Percebemos por meio das desinências nos verbos e dos pronomes possessivos que o texto da “5ªP” é narrado em primeira pessoa, o enredo deste desenvolve-se em um momento que o narrador ia para escola, mas decide primeiro comprar umas balas para passar o tempo enquanto o sinal do colégio não toca. Neste intervalo, a personagem se depara com uma cena no interior do comércio que mexe com seus sentimentos. Na cena observada um casal humilde conversa entre si para saber o que fazer para a sua filha parar de chorar. O narrador comenta que fica feliz ao ver o desfecho daquela situação; a garotinha consegue o que queria. No entanto, não é possível ver no texto se os pais conseguiram comprar ou alguém comprou para eles darem para a filha deles.

No que se refere a esta produção, nota-se que o autor da “5ªP” também deixa no seu texto marcas característica da oralidade, como a repetição de frases como *“a garotinha com os olhos brilhando com vontade de com seus olhos brilhando com vontade de comer aquele...”* (linha 13-15) de palavras como “eu”, a falta da concordância do plural, geralmente casual em situações informais quando os falantes não se políam tanto no seu discurso (BAGNO,2007) como em “algumas coisa” (linha 9).

Todavia, percebemos que esta foi à produção na qual mais se observou o uso da vírgula, e de elementos coesivos, tais como: “mas”; “enquanto” e “enfim”. Assim como o uso de pronomes ou sinônimos para evitar a repetição desnecessária de palavras. Como por exemplo, “sua filha”, “a menina”, a garotinha”, e “ela” para se referir a filha do casal. (na linha 16 3 17).

Diante das análises realizadas, verificamos a necessidade de se desenvolver mais atividades como essa, no intuito de estimular a prática da escrita e reescrita. Tal atitude pressupõe uma adesão do professor da turma em adequar suas atividades desenvolvendo atividades de leitura e produção textual.

No próximo capítulo teceremos as considerações finais sobre todas as ações realizadas na pesquisa.

5 CONSIDERAÇÕES FINAIS

As reflexões aqui apresentadas buscaram verificar os resultados obtidos pela leitura e produção do gênero textual crônica, dos alunos dos 2º ano do Ensino Médio, na escola pública Unidade Integrada Juscelino Kubitschek. Pautamos assim, nos pressupostos teóricos sobre o gênero, como ferramenta para as práticas de leitura na sala de aula do Ensino Médio, organizado em forma de planejamento didático, obtido com apoio da formação acadêmica no Curso de Linguagens e Códigos. A partir dos conhecimentos da realidade e teórico a ida a campo foi fundamental para diagnosticar os tipos de leituras que estes alunos têm contato, neste caso pouco se percebeu o contato dos alunos com textos, com aspectos como timidez, dificuldade de leitura, pouco material a ser disponibilizado. O planejamento da atividade teve o objetivo cumprido de sensibilizar os alunos acerca da leitura, interpretação e criação textual do gênero crônica e analisar as produções textuais.

Nesta pesquisa percebeu-se que os alunos não têm tanto contato com as práticas de leituras, daí então a importância de desenvolver o trabalho que contribua para o ensino das práticas de leituras dos alunos, principalmente por já estarem no Ensino Médio na escola pública. Observamos que os alunos ainda não tinham produzido ainda uma crônica, então observamos que seria uma forma de fazer com que eles se interessem pela leitura, procuramos levar para sala várias crônicas para que os alunos pudessem se interessar pela leitura, algo fundamental para conseguirem mais conhecimento. Constatamos outros interesses, como a experiências de alguns em contarem poemas na sala de aula piadas e historias reais.

A respeito da relação dos alunos com as leituras, nos resultados obtidos no através de conversas informais, foi observado que a maioria dos alunos não gostava de ler, segundos dados constatados in loco. Por meio dos alunos inferimos que se estes alunos forem incentivados pelos os pais, a maioria das respostas de “*não gostar de ler*” acontece pelo fato de não terem a prática constante de diferentes gêneros textuais, que não estejam subordinadas a alguma atividade do livro didático, como também não leiam em casa. Já que, a maior parte destes estudantes não convive em um ambiente familiar que tenham o habito de lê.

Apesar desses dados, os alunos mostraram através dos textos coletados, saberem que a leitura é importante, uma vez que alguns dos alunos da turma acreditam que a leitura é essencial para sua formação pessoal e profissional. É por meio da leitura, segundo estes, que conseguem entender o assunto que é proposto na sala, e são capazes de viajar na imaginação,

têm melhor desenvolvimento e aprendem conteúdos novas, assim como os auxiliaram a irem para a Universidade.

Foi possível então, ultrapassar os limites impostos pela realidade dos alunos, proporcionando assim, para os alunos envolvidos na pesquisa momentos nos quais eles desenvolvessem o gosto pela leitura, à autonomia - tratar da realidade - e sua sensibilidade, cumprindo o objetivo da oficina de produção de crônicas.

Neste contexto, finalizamos destacando a importância do processo de formação tanto do Curso de Linguagens e Códigos – UFMA, quanto da experiência vivenciada no Estágio Supervisionado II, foram cruciais para a execução dos trabalhos pedagógicos desenvolvidos, levando outras propostas de encaminhamento metodológico para a Comunidade de Mamorana –São Bernardo.

Esta foi uma pesquisa dentre outras, que poderão ser implementadas no intuito de refletir sobre o contexto educacional bernardense, oferecido tanto pela rede estadual quanto municipal para que novas práticas sejam implementadas e auxiliem na melhoria do processo de ensino.

REFERÊNCIAS

- ARRIGUCCI JR., David. Fragmentos sobre a crônica. In: **Enigma e Comentário: Ensaios sobre Literatura e Experiência**. São Paulo: Companhia das Letras, 1987.
- ANDRADE, Carlos Drummond de, SABINO Fernando, BRAGA Rubem e CAMPOS Paulo Mendes. Crônicas 1 PARA GOSTAR DE LER disponível em http://files.comunidades.net/7underground/PARA_GOSTAR_DE_LER_VOLUME_1_CRONICAS.pdf. Acesso em 21 de abril de 2016.
- BAGNO, Marcos. Nada na língua é por acaso: por uma pedagogia da variação linguística. São Paulo: Parábola Editorial, 2007.
- BAKHTIN, Mikhail. O problema do texto. In: **Estética da criação verbal**. São Paulo: Martins Fontes, 1997.
- _____, M. 1992 Os gêneros do discurso. IN: M. BAKHTIN (1992). **Estética da criação verbal**. Martins Fontes.
- BAMBERGER, Richard. **Como incentivar o hábito de leitura**. São Paulo, SP: Ática, 2002.
- BARRETO, Ricardo Gonçalves. Português: Ser protagonista. 2 ano :Ensino Médio.1.ed.São Paulo :Edições SM,2010.(coleção ser protagonista).
- BECKER Caroline Valada (2013) A Crônica e suas Molduras, Um Estudo Genológico. Disponível em <http://www.uel.br/pos/letras/EL/vagao/EL11-Art1.pdf> acesso em 21 de abril de 2016.
- BENDER Flora e LAURITO Ilka. **Crônica: história, teoria e prática**. São Paulo: Scipione, 1993.
- BRASIL, MEC. **Parâmetros Curriculares nacionais**. Ministério da educação e do desporto secretaria de educação fundamental- terceiro e quarto ciclo- artes. Brasília, 1997.
- BRASIL. LDB: **Lei de Diretrizes e Bases da Educação Nacional**: Lei nº 9.394, de 20 de dezembro de 1996, que estabelece as diretrizes e bases da educação nacional [recurso eletrônico]. 8. Ed. Brasília: Câmara dos Deputados, Edições Câmara, 2013.
- BRASIL, 1999 Parâmetros Curriculares Nacionais: Ensino Médio. Ministério da Educação;
- BRONCKART, J.-P. 1999 Atividade de linguagem, textos e discursos: por um interacionismo sócio-discursivo. Trad. Anna Rachel Machado e Péricles Cunha. EDUC.

CARVALHO, Geovana Lourenço de; SANTOS, Daiane Eloisa dos; STRIQUER, Marilúcia dos Santos Domingos. A crônica no livro didático: abordagem ao gênero textual? VI Seminário de Iniciação Científica. SóLetras, 2009;

CURSINO, José Fernando , Crônica na sala de aula: o estudo do gênero para a formação de um aluno reflexivo, disponível em [https://www.google.com.br/#q=ocupando+o+espa%C3%A7o+livre+do+rodap%C3%A9+dos+jornais%2C+%C3%A9+estudada+por+diversos+escritores+\(mais+tarde+certos+te%C3%B3ricos\)+incitados](https://www.google.com.br/#q=ocupando+o+espa%C3%A7o+livre+do+rodap%C3%A9+dos+jornais%2C+%C3%A9+estudada+por+diversos+escritores+(mais+tarde+certos+te%C3%B3ricos)+incitados) Acesso em 12 de março de 2016.

EDOZ, Sueli; COSTA-HÜBES, Terezinha da Conceição. A formação continuada no oeste do Paraná: articulação necessária com o currículo básico para a escola pública Municipal. In. Anais do VI SIGET – Simpósio Internacional de Estudos dos Gêneros Textuais. Natal/RN, 16 a 19 de agosto de 2012.

FREIRE, Paulo. Pedagogia da Autonomia: saberes necessários à prática evolutiva. 6.ed. São Paulo: Paz e Terra, 1994 (Coleção Leitura).

KOCH, Ingedore Grunfeld Vilaça, 1933- Desvendando os segredos do texto. São Paulo : Cortez, 2011.

-----, Ingedore, Elias, Vanda Maria, ler e compreender o sentido do texto. São Paulo. Contexto, 2006.

KLEIMAN, Angela B.; MORAES, Silvia E. Leitura e interdisciplinaridade: tecendo redes nos projetos da escola. Campinas: Mercado de Letras, 1999.

LIBÂNEO, José Carlos. Prática educativa, pedagogia e didática. In: Didática. São Paulo: Cortez, 1994.

MACEDO Wilza Karla Leão de Saussure e Bakhtin: Concepções Sobre Língua/Linguagem disponível em http://www.uesc.br/eventos/iconlireanais/iconlire_anais/anais-53.pdf Acesso em 13 de 2016.

MARCUSCHI, L.A. 2002 Gêneros textuais: definição e funcionalidade. IN: M.A. BEZERRA; A.P. DIONISIO e A.R. MACHADO, 2002, Gêneros textuais & ensino. Lucerna. 2a. ed. pp. 19-36 .

MARCONI, Marina de Andrade; LAKATOS, Eva Maria. Metodologia Científica. 4. Ed. São Paulo: Atlas, 2004.

PROJETO Político-pedagógico, (PPP) Curso de Licenciatura Interdisciplinar em Linguagens Códigos/ Língua Portuguesa, São Luís – MA, 2013.

RESOLUÇÃO nº 684- CONSEPE, de 07 de maio de 2009.

SÁ, Jorge de. A crônica. São Paulo: Ática, (2008). Série Princípios.

SANTOS, Roberto Vatan, dos. Abordagens do processo ensino e aprendizagem. Disponível em ftp: www. usjt.br pub revint 19 40 pdf. Acesso em 14 de maio de 2015.

VASCONCELOS, Celso dos Santos. **Planejamento:** Projeto de Ensino – Aprendizagem e Projeto Politico-Pedagógico-elementos metodológicos para elaboração e realização. 18 ed. Libertad Editora, 2008.

ZILBERMAN, Regina. **A literatura infantil na escola.** 8º ed. São Paulo: Global, 1996.